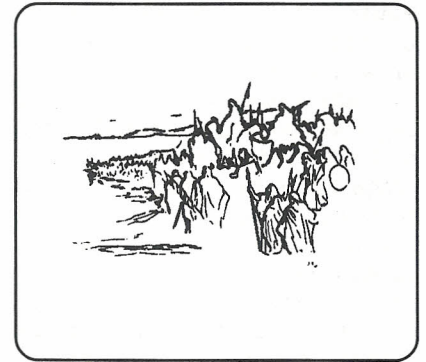


6.

MISSÃO PLANETÁRIA DE MOISÉS. PREPARAÇÃO DOS HEBREUS NO DESERTO



1. PERSEGUIÇÃO AOS HEBREUS

O faraó temia que os hebreus, multiplicando-se sempre, viessem a constituir um perigo para a segurança do próprio Egito. Assim, determinou que fossem mortos todos os bebês do sexo masculino nascidos entre os hebreus; determinou que as próprias parteiras afogassem as crianças no Nilo. Entretanto, muita criança escapou com vida; as mães faziam tudo para esconder os bebês, colocando-os inclusive em cavernas nas montanhas, longe da vigilância dos soldados do faraó.

Enquanto isso, continuava a escravidão para os adultos — homens e mulheres. Regalias tinham somente os da tribo de **Levi**. Segundo **Sholem Asch**, no livro *Moisés*, tendo encontrado dificuldade de manter os hebreus disciplinados, decidiu o faraó exercer o governo através de elementos escolhidos dentre os próprios hebreus. Assim, elegeu os descendentes de **Levi** para governar os hebreus. E, como as facilidades sempre amolecem o caráter, muitos destes de **Levi** passaram a ser verdadeiros carrascos de seus próprios irmãos em cativeiro.

O culto ao Deus único era proibido. Tinham que aceitar os deuses dos egípcios. Entretanto, um grupo firme e coeso de hebreus jamais aceitou prestar culto a deuses, sempre admitiram um só Deus. Como se dedicavam somente ao trabalho braçal, escravo, não tinham possibilidades de escrever suas tradições e seus conhecimentos. Para tanto, é ainda **Sholem Asch** — que tinham recebido as tradições oralmente de seus antepassados — eram colocados em cavernas onde ficavam memorizando tais ensinamentos e os transmitindo a pessoas

escolhidas das gerações novas. Tais tradições eram transmitidas com precisão matemática, não se omitindo nenhuma letra, para que a idéia do Deus único não viesse a ser deturpada.

2. NASCIMENTO DE MOISÉS

Amram, neto de **Levi**, vendo que sua esposa estava grávida, ficou muito preocupado. Se fosse um filho homem correria o risco de tê-lo arrebatado pelos guardas e atirado ao rio. Desesperado, dirige-se a Deus implorando que tivesse compaixão de seu povo. O Plano Espiritual lhe responde que não se preocupasse: realmente, sua mulher, **Jocabel**, daria à luz a um menino. Não era, todavia, um menino comum: teria missão muito importante e seria sempre protegido pelo Alto.

Jocabel dá à luz a um menino. Durante três meses o bebê pôde ser mantido escondido no próprio lar. **Amram**, todavia, ficou temeroso de que os guardas o descobrissem e, em consequência, matassem toda sua família. Junto com sua mulher e sua filha **Miriam**, decidiu que deveriam colocar o menino num cesto forrado de betume e entregá-lo ao rio Nilo. “A Divina Providência cuidará dele”, disse o pai confiante. **Termutis**, filha do faraó **Ramsés II**, que fazia seu passeio diário pelas margens do Nilo viu o cesto com a criança e ordenou a seus servos que o recolhessem. Tomou o bebê nos braços com muito carinho e levou-o para o palácio. Deu-lhe o nome de **Moisés**, que, em egípcio significa “salvo das águas”.

Miriam, irmã de **Moisés**, infiltrou-se no palácio e convenceu **Termutis** a contratar uma ama de leite hebréia para amamentar o bebê. A princesa concorda, e **Miriam** traz **Jocabel** para amamentar. Assim, **Moisés** foi amamentado pela própria mãe carnal.

Dizemos mãe carnal porque **Termutis** tornou-se na realidade a mãe por excelência de **Moisés**, seu verdadeiro anjo de guarda. Tanto que seu nome em hebraico é **Bathya**, isto é, filha de **Jeová**, tal o respeito que os hebreus devotam a esta princesa egípcia.

3. EDUCAÇÃO DE MOISÉS

Moisés era um Espírito missionário com a tarefa de libertar o povo hebreu do jugo egípcio. Sua missão, contudo, tem caráter planetário, porque foi ele instrumento utilizado pelo Plano Espiritual Superior para nos dar leis de caráter universal.

Foi educado no palácio. Frequentou a academia militar, reservada somente aos nobres. Sempre se destacou. Era uma personalidade marcante. Atraiu contra si a ira dos sacerdotes e dos escribas, que pressentiam nele um perigo para o Egito; mais ainda, um perigo contra o ritualismo politeísta, pois **Moisés** nunca se sujeitou a prestar culto às divindades egípcias.

Como general do faraó, **Moisés** chefiou várias expedições de conquista de outras terras. Conta o historiador judeu **Flávio Josefo**, no livro *História dos Hebreus*, que foi contra os etíopes que **Moisés** se destacou como grande estrategista. O faraó havia ordenado a conquista da Etiópia; os etíopes, contudo, estavam tranquilos: a única via que conduziria o exército egípcio à capital de seu país, estava infestada de serpentes venenosas. Os soldados não se aventurariam, pois fatalmente seriam picados e morreriam. **Moisés**, profundo conhecedor da região, mandou os soldados aprisionarem centenas de ibis (aves de rapina inimigas mortais das serpentes) e as soltou nos campos infestados que davam acesso à capital da Etiópia. As serpentes que não foram devoradas

pelas aves fugiram apavoradas. O exército, chefiado por Moisés, tomou a capital.

Aliás, percebe-se que Moisés sempre venceu pela sabedoria, pelo bom senso. Tem-se a impressão de que certas matanças atribuídas a ele no Velho Testamento, foram executadas à sua revelia, à sombra de seu nome. Como sempre, os homens não gostam de assumir a responsabilidade de atos criminosos e procuram atribuí-los a pessoas de destaque. Acha-se que Moisés tinha armas muito mais poderosas do que a espada: as armas de sua extraordinária capacidade espiritual.

Voltando vitorioso da Etiópia, Moisés teve aumentado contra si o ódio dos escribas e sacerdotes. Percebeu que não poderia mais permanecer em palácio. Apesar da permanente proteção de Termutis, que vivia desfazendo intrigas que contra ele faziam, Moisés decidiu abandonar a morada real. Já nesta altura sabia que sua missão deveria desenrolar-se entre o seu povo, entre os hebreus escravizados ao faraó. Termutis não o reteve; com profunda tristeza viu partir o filho adotivo. Mas uma alegria maior envolveu seu coração: a certeza de que Moisés seria muito mais útil aos hebreus do que aos egípcios.

4. MOISÉS ENTRE OS ESCRAVOS HEBREUS

Conta-nos Sholem Asch que Moisés integrou-se de corpo e alma ao seu povo. Foi trabalhar entre os escravos de Goshen, amassando barro e fazendo tijolo. Era um homem de grande estatura: seus braços eram verdadeiros martelos. Seu olhar, refletindo a grandeza de espírito, penetrava as pessoas, paralisando-as, muitas vezes. Era isto que acontecia quando ele se levantava contra os guardas que maltratavam seus irmãos; ordenava para que cessassem as chibatadas e uma força irresistível paralisava o algoz.

Aarão, seu irmão mais velho, a princípio não concordou com a saída de Moisés do palácio do faraó. Achava Aarão que, em palácio, Moisés podia fazer muito mais pelos escravos hebreus do que se tornando escravo igual a eles. Entretanto, Moisés nunca foi escravo. Como pode ser escravo aquele que crê em Deus? Aquele que reconhece ser o Pai criador de todo o

Universo e que, portanto, dá o Universo como herança a seus filhos? Assim era Moisés. Um homem que nunca duvidou da existência do Deus único: um homem liberto por excelência.

Certa noite Moisés matou um guarda egípcio, em legítima defesa. Esse guarda era temido pela sua brutalidade, principalmente contra as mulheres hebreias. Moisés o interpelara. O guarda empunhou a vara pontiaguda e a arremessou contra Moisés; este utilizou a própria vara para imobilizar a fúria sanguinária do guarda. Por causa deste incidente, Moisés passou a ser procurado pelos guardas do faraó, a fim de ser morto. Termutis, mais uma vez vem a seu favor: manda avisá-lo para que fuja. "A espada do faraó paira sobre tua cabeça", foi a mensagem que lhe enviou.

5. NO DESERTO

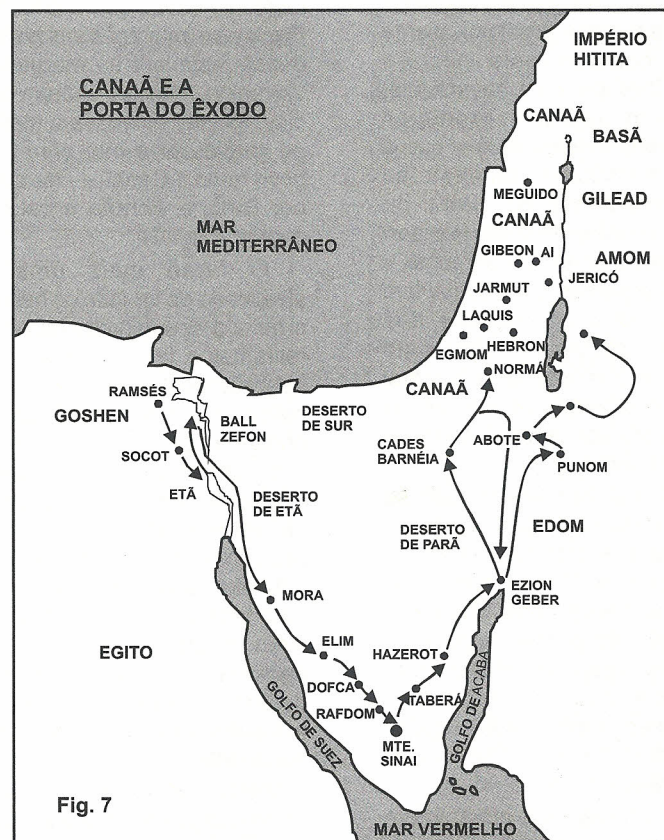
Moisés, vestido de egípcio (roupa que Termutis lhe enviara como disfarce) vai para o deserto. Perambula muitos dias sozinho. Cruza com muita gente. Finalmente chega a

Madian. Vê um oásis: um poço, algumas palmeiras e pastagem. Senta-se à beira do poço e ali trava conhecimentos com as filhas de Jetro, sacerdote e pastor. É levado para a casa de **Jetro**, onde recebe acolhida fraterna. Casa-se com **Séfora**, uma das filhas de Jetro, com a qual teve dois filhos.

Passa quarenta anos pastoreando as ovelhas de Jetro nos oásis do deserto. Imaginemos o que não aprende com a natureza um homem inteligente que, durante quarenta anos vive apascentando ovelhas! Estes anos deram a Moisés o conhecimento para que, mais tarde, pudesse conduzir o povo hebreu no êxodo.

6. A REVELAÇÃO

Certa feita, estava Moisés nas imediações do monte **Horeb**, no Sinai, quando percebeu que uma sarça (arbusto da família das rosáceas) ardia em chamas. A princípio achou natural, pois com o sol causticante era comum que arbustos ressequidos acabassem se inflamando. Contudo, o fogo não consumia aquela sarça. Moisés aproximou-se e ouviu uma voz



que lhe ordenava voltasse para o Egito a fim de libertar os hebreus. Era o Plano espiritual manifestando-se num **fenômeno de voz direta**. Após fazer várias perguntas e obtendo respostas a todas, Moisés convenceu-se de que realmente deveria obedecer. Foi-lhe, inclusive, mostrado que poderia operar prodígios para impressionar o faraó: a vara que se transformou em serpente, a mão que ficou leprosa e a água que se transformou em sangue. **Fenômenos de efeitos físicos** graças à extraordinária mediunidade de Moisés.

Moisés se dirige para o Egito. Aarão vem a seu encontro. Também ele, como médium que era, fora alertado pelo Plano Espiritual de que Moisés estava destinado a libertar os hebreus. Temos aqui uma prova de que quando o Plano Espiritual quer revelar uma verdade não se limita a dá-la somente a um homem.

7. DIANTE DO FARAÓ

Reinava **Menerphtah**, filho de Ramsés II, que havia falecido. Moisés e Aarão dirigem-se a ele, pedindo a libertação dos hebreus e ameaçando-o com vários castigos. Disse-lhe Moisés que era vontade de Jeová, o Deus único, que o povo fosse libertado. Fez vários prodígios diante do faraó, contudo este não se comoveu. Chamou seus sacerdotes, que também fizeram prodígios idênticos, comprovando assim, que o **fenômeno mediúnico manifesta-se independentemente de seita ou religião**. Contudo, Moisés fez seu cajado transformar-se em serpente e devorar as serpentes em que haviam se transformado os cajados dos sacerdotes do faraó. Um belo simbolismo este: a ascendência moral de Moisés, mostrando-nos que apenas a moral elevada consegue dominar os Espíritos inferiores.

O faraó, mesmo assim, não se demoveu. Pelo contrário, mandou recrudesce a violência contra os escravos hebreus. Moisés o ameaça, então, com as sete pragas. Entra aqui a premonição do grande legislador. Percebendo ele, com grande antecedência, que tais fenômenos iriam ocorrer em determinadas regiões do Egito, utilizou-os como se fossem **pragas de Deus**.

E assim, uma após a outra, foram acontecendo as chamadas pragas, que, pela ordem são: 1º) as águas do

Nilo se transformam em sangue; 2º) aparecimento de rãs em toda parte; 3º) os piolhos e pequenos animais; 4º) das moscas; 5º) da peste nos animais; 6º) dos granizos; 7º) das sarnas entre os homens; 8) dos gafanhotos; 9º) das trevas ou três dias de escuridão; 10º) da morte dos primogênitos. (Êx. 7-11)

Diante de tais acontecimentos, o faraó avançava e recuava. Ora ordenava a saída dos hebreus, ora revogava a ordem. Quando a praga cessava, voltava atrás, como normalmente fazemos nós: pedimos a Deus para nos livrar de certo problema e, quando nos vemos livres dele, esquecemo-nos de Deus e acabamos achando que foi obra do acaso ou apenas produto de nosso esforço.

8. O ÊXODO

Finalmente, a última praga — a morte dos primogênitos — tocou o faraó. Mandou que os hebreus saíssem do Egito, pois, a esta altura, todos os egípcios temiam os hebreus: achavam que realmente o Deus deles era muito mais forte.

Estávamos por volta do ano 1.400 a.C. Seiscentos mil homens mais mulheres e crianças deixaram o Egito. É a maior migração da história. Dias depois estavam às margens do mar Vermelho. Ali estacionaram durante 30 dias. Moisés estudava a melhor forma de atravessar o mar para conduzir o povo rumo a Canaã — terra prometida por Deus a Abraão e seus descendentes. (Fig. 7)

O faraó mais uma vez se arrepende de ter feito os hebreus partir e manda seu exército ao encalço dos retirantes a fim de fazê-los voltar. Os hebreus continuam estacionados às margens do mar Vermelho; à distância podia-se ver a poeira levantada pelo exército egípcio, que se aproximava. O povo hebreu se desespera; revolta-se contra Moisés. Diz ser ele responsável por tê-los tirado do cativeiro, onde tinham pão e carne, para fazê-los comer farinha e água e, além do mais, morrer sob as armas egípcias. Instigados por alguns da tribo de Levi, a maioria grita que quer retornar ao Egito; quer retornar a escravidão.

Mais uma vez notamos aqui a semelhança com a nossa vida diária. Realmente, é muito difícil nos libertarmos da escravidão dos erros do

passado. Geralmente quando estamos a caminho da libertação, nos lembramos dos bons tempos da escravidão e temos vontade de recuar. É preciso muita força de vontade para ir à frente. Libertação exige renúncia; renúncia de muitos dos interesses grosseiros, materiais. Foi o que Moisés disse ao povo. Disse-lhe mais que confiasse em Deus, pois Ele com certeza lhes ensinaria o melhor caminho para a travessia do mar.

Ao anoitecer, quando a maré era baixa, Moisés mandou o povo atravessar o mar. Sabia ele que durante a maré vazante, naquele local, todos poderiam atravessar a pé. Como era noite escura, diz a Bíblia que uma luz iluminou o caminho dos hebreus; mais um fenômeno de **efeito físico**. Quando os egípcios chegaram à margem e viram que os hebreus haviam atravessado a pé, quiseram fazer o mesmo e lançaram-se às águas. Entretanto, a maré já havia subido e muitos morreram afogados com seus cavalos e apetrechos de guerra. Tais apetrechos foram dar à margem oposta, como um presente para os hebreus.

Assim, os hebreus iniciaram sua caminhada pelo deserto, rumo ao Horeb, na Cordilheira do Sinai, onde Moisés prometera a Deus levar o povo para prestar-lhe culto. Outros incidentes foram ocorrendo. Realmente, o povo não estava preparado para enfrentar a responsabilidade da liberdade. Moisés, contudo, compreendia os erros da multidão; exercia sempre o papel de conciliador. Têm dificuldade de se abastecer de água: encontram um poço de águas amargas. Moisés, lembrando-se do tempo em que apascentava ovelhas naquela região, apanha as folhas de um vegetal e as atira ao poço. As águas, depois de algum tempo, puderam ser consumidas. Mais adiante, em Elim, nova revolta do povo ocorre: muitos querem retornar à escravidão do Egito.

Moisés lhes pergunta: "o que mais vos atormenta — a tristeza dos males presentes ou o ressentimento dos bens passados?" Isto é, a saudade dos "bons tempos" em que tinham pão e carne, apesar do cativeiro, os fazia renegar o futuro de liberdade. A materialidade imediatista prendendo sempre e tolhendo-nos a visão do futuro.

Moisés os exorta à confiança em Deus. Lembra que o Pai nunca os abandonou e ouvira seus lamentos no Egito, libertando-os. Mais uma vez, pediu que tivessem calma e aceitassem a idéia de que Deus estava ao lado deles. Prometeu-lhes carne ainda para aquele dia. De fato, ao anoitecer, um bando de codornizes desceu sobre o acampamento e todos puderam faltar-se de carne. No dia seguinte, ao levantar-se, o povo viu que entre as pedras do deserto brotara como que uma espécie de paina. Todos interrogaram: o que é isto? ("maná"). E Moisés lhes respondeu que era o pão que Deus lhes enviaria todos os dias. Todos experimentaram aquele alimento e gostaram. Moisés, porém, advertiu que não deveriam armazenar mais do que o necessário para um dia. Muitos não deram ouvidos a essa advertência e quiseram fazer grande estoque, argumentando: "é possível que amanhã Deus não nos mande mais este alimento", esquecendo-se de que o Pai — através de Moisés — dissera que os abasteceria diariamente. Contudo, o maná guardado de um dia para o outro ficava impréstável para o consumo; adquiria um gosto muito ruim.

É uma lição contra aqueles que querem açambarcar todos os bens que procedem de Deus. Esquecem-se de que o Pai doa sempre e que mesquinha é obra dos homens, não

de Deus. E, na realidade, o alimento essencial — o ar e o sol — o Pai nos dá todos os dias sem cobrar um tostão. É o próprio maná, que não precisamos acumular; recebemo-lo todos os dias. Os açambarcadores dos bens do Pai ficarão, todos, com o gosto de comida estragada na boca. Isto é, serão, um dia, tocados pelo remorso e pagarão caro pelo bem que deixaram de fazer.

E diz a Bíblia que o maná nunca lhes faltou durante os 40 anos que peregrinaram pelo deserto. Assim como o ar e a luz solar nunca nos têm faltado.

Seguindo sua jornada rumo ao Horeb, os hebreus são desafiados pelos **amalecitas — um povo que vivia atacando as caravanas do deserto**. Moisés ordena que Josué constitua um exército e os enfrente; exorta todos à vitória e lhes diz que, enquanto estiverem lutando, ele e Aarão estarão orando para que não lhes falem as forças. A luta foi acirrada. Moisés, sobre uma elevação, permanecia de braços levantados, em ligação com o Alto. Diz Flávio Josefo que, quando Moisés baixava os braços, os hebreus enfraqueciam-se e o inimigo conquistava posições; quando Moisés levantava os braços, os hebreus venciam, como finalmente venceram.

Sholem Asch, no livro *Moisés*, dá uma interpretação interessante a esta luta contra os amalecitas. Diz ele que

os amalecitas são a representação do mal, dos interesses inferiores, nossos inimigos interiores. Se nos mantivermos em ligação com o Alto, conseguiremos vencê-lo; se nos desligarmos de Deus, seremos vencidos por esse inimigo. Diz mais que Moisés concitou o povo a dar luta permanente aos "amalecitas", isto é, aos vícios e defeitos. Isto é, o legislador hebreu concitava o povo a fazer reforma íntima como hoje somos concitados nesta **Escola de Aprendizes do Evangelho**.

Finalmente, três meses depois de terem deixado o Egito, os hebreus chegam nas imediações do Monte Horeb, no Sinai. Jetro vem ao encontro de Moisés, seu genro, e o aconselha a delegar autoridade para as pessoas mais responsáveis de cada uma das doze tribos. Isto porque até ali, Moisés era procurado para resolver problemas corriqueiros, como contendas acerca da posse de uma ovelha e outras deste gênero. Jetro viu que o genro tinha necessidade de se dedicar mais às coisas que abrangessem toda a coletividade e não apenas indivíduos isoladamente.

A conselho de Jetro, Moisés constituiu um comitê de 70 homens, aos quais foi dada a incumbência de governar o povo e de distribuir a justiça em pendências comuns. Fez, também, uma divisão de forças no exército para facilitar o comando.

7.

O DECÁLOGO. REGRESSO À CANAÃ. MORTE DE MOISÉS

1. OS DEZ MANDAMENTOS

Moisés reúne todo o povo no sopé do Monte Horeb e pede que se prepare para receber instruções diretas do Plano Espiritual Superior. Diz a Bíblia que uma nuvem pairou sobre o acampamento e que raios e trovões foram vistos e ouvidos. Logo após

reinou silêncio e ouviu-se uma voz no espaço dizendo ser Deus e que, naquele momento, iria transmitir Seus Mandamentos a todo o povo. E o povo ouviu ali os 10 Mandamentos, que são:

- 1º — não terás outros deuses diante de mim;
- 2º — não tomarás o nome do

Senhor teu Deus em vão;

- 3º — lembra-te do dia de sábado, para o santificar;
- 4º — honra a teu pai e tua mãe;
- 5º — não matarás;
- 6º — não adulterarás;
- 7º — não roubarás;

